



## Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes

Aline Bedin Jordão

**Resumo:** O presente trabalho aborda o processo adolescente e os vínculos familiares a partir do viés psicanalítico, articulando questões teóricas com situações clínicas. A partir de uma revisão de literatura, e apresentação de fragmentos de casos clínicos atendidos em consultório particular, apresentam-se algumas questões referentes a este momento evolutivo, apontadas por vários autores, relacionadas principalmente ao movimento de individuação do adolescente, suas desidentificações, neoidentificações, remodelamentos subjetivos e aspectos narcisistas que transitam na relação do adolescente com seus pais. A construção de seus próprios projetos e seus próprios ideais apresenta-se como uma missão desafiante e dolorosa, porém necessária para a tão desejada e temida autonomia. Discute-se, ainda, o lugar e a posição ocupados pelo analista no tratamento de adolescentes, e a contribuição da psicanálise para estes pacientes e suas famílias.

**Palavras-chaves:** adolescência, vínculos familiares, psicanálise de adolescentes.

### Family bonds in adolescence: nuance and vicissitude in psychoanalytical clinic with teenagers

**Abstract:** This paper approaches the teenager process from a psychoanalytical view, articulating theoretical matters with clinical situations. Starting from a literature revision and its articulation with clinical cases seen in private psychology's office, some issues related to this changing moment are shown, pointed out by several authors, related mostly to the teenagers separation-individuation movement, their unidentifications, neoidentifications, subjective readapting and narcissistic aspects that transit in the teenagers' relationship with their parents. The construction of their own projects and ideals is seen as a challenging and painful "mission", however necessary to the soul requested and feared autonomy. It has still been argued, the place and the position of the analyst in the teenagers' treatment, and the psychoanalysis' contribution for these patients and their families.

**Key words:** Adolescence, family bonds, Adolescent Psychoanalysis.

---

### Introdução

*Aos filhos só podemos dar duas coisas: asas e raízes  
(Provérbio chinês)*

#### *Processo adolescente e vínculos familiares: ilustrações de fragmentos clínicos*

A adolescência constitui-se em uma vivência fundamental na constituição identitária, permeada por mudanças, remodelamentos subjetivos, ressignificações de diversas ordens. O adolescente necessita reeditar sentimentos e vínculos primários em relação às figuras parentais, revisando, assim, seus objetos internos e sua identidade.

Para os pais, trata-se também de um processo angustiante e confuso, já que necessariamente irão se deparar com questões referentes à separação, diferenciação, finitude, alterações de lugares e papéis na dinâmica familiar, além de inevitáveis frustrações decorrentes do crescimento e das escolhas dos filhos.

Na adolescência o suposto equilíbrio da latência e a imagem corporal relativamente estabilizada são colocados em questão. Reordenamentos identificatórios, atribuições de novos sentidos às experiências, rompimentos e buscas de ideais, enfim, todo um (re)desenvolvimento da vida subjetiva apresenta-se com confusões e conflitos, mostrando-se na clínica com um espectro bastante vasto.

Millonschik (2004), ao tratar do sofrimento psíquico na adolescência, pontua que é como se o adolescente tivesse perdido uma casca e ainda não houvesse reconstruído outra, o que o torna muito vulnerável do ponto de vista emocional. Essa maior suscetibilidade pode ocasionar sentimentos de vazio, desamparo e despersonalização. O relato de uma paciente<sup>1</sup> (M., 18 anos) ilustra esta sensação: “Tô muito perdida, numa confusão só... Parece que não sei mais quem eu sou, nem o que quero, nem para onde vou... Que horror isso... Se tu perguntar pra uma criancinha o que ela quer, ela vai te dizer alguma coisa, e eu parece que nem sei o que quero (...)”.

Além da difusão de identidade, percebida na fala desta adolescente, outra questão central deste período é a fratura da onisciência atribuída aos pais ao longo da latência, com a conseqüente desilusão. Tal fato acarreta confusões e questionamentos diversos: quem detém o conhecimento? Quem sou? O que sou? (Levy, 1996). Soma-se a isso toda a questão dos ideais projetados pelas figuras parentais, geralmente associados aos narcisismos materno e paterno, bem como com os “sonhos de ouro” não vividos pelos mesmos.

*A história do adolescente nasce antes do seu nascimento biológico. Existe uma ordem simbólica, ordem lógica que precedeu seu nascimento cronológico. Esta ordem é o lugar que ocupa o filho na fantasmática individual em cada um dos progenitores e no casal, lugar que estará determinado em relação com o sistema narcisista, e que se plasmará em uma representação: será o representante narcisista primário do desejo inconsciente da mãe e do desejo inconsciente do pai, e assim se manterá a homeostase narcisista da situação do meio familiar (...). (Kancyper, 1999, p. 85-86)*

Kancyper (1999) refere que muitas vezes o adolescente fica aprisionado a esse narcisismo parental, através de uma identificação alienante aos desejos dos pais, anulando as diferenças geracionais. Este submetimento pode decorrer do temor à perda de amor e a falta de reconhecimento por parte dos objetos primários. Ou seja, submete-se como forma de garantir um lugar na dinâmica familiar.

Ainda relacionado às questões familiares, Leivi (1995) traz o tema da historização, referindo que a construção da história do sujeito não se dá simplesmente pelo seu

---

<sup>1</sup> Os pacientes utilizados neste trabalho não foram identificados pelos seus nomes reais, sendo omitida qualquer informação que denunciasse sua identidade.

passado, e sim pela historização deste passado no presente. Trata-se, portanto, de uma construção simbólica. O autor ainda refere que em toda história sempre existirão brechas, não-ditos, situações silenciadas, que possivelmente aparecerão na vida do sujeito através de repetições e sintomas. Ou seja, o sujeito sempre será atravessado pela sua história familiar, com suas sombras e fantasmas silenciosos operando efeitos na subjetivação.

Diante disso, destaca-se a importância da agressividade como componente necessário para conseguir desalienar-se, diferenciar-se e elaborar os ideais narcísicos dos pais e conquistar uma maior autonomia. Observa-se, assim, a importância de uma reorganização e reconstrução desta historicidade, revisando permanentemente seu universo simbólico de significações (Leivi, 1995). Neste sentido, Kancyper (1999) refere que o representante narcísista operará como uma referência constante, e que, a partir disso, “o adolescente necessitará efetuar um trabalho diário de reelaboração para conquistar sua condição subjetiva de ser vivo com existência própria” (p.85).

A paciente M. aponta estas situações na seguinte fala:

*Eu sei que o pai quer que eu fique lá na loja, que eu continue o projeto dele, que ele batalhou pra conseguir tudo o que tem... Por mais que eles me deixem livres pra escolher o que quero, é isso que eles dizem ao menos, eles estão o tempo todo me mostrando que é melhor ficar lá, que vou me dar melhor lá... Então é difícil... Porque eu queria descobrir bem o que eu quero e poder ficar bem, e que eles ficassem bem também, que me apoiassem... Queria poder construir as minhas coisas sem “matar” ninguém com isso.*

A culpa, o ressentimento e o medo são fatores que geralmente contribuem para essa dificuldade do adolescente em assumir seu próprio desejo e construir seu projeto a partir de suas escolhas. Diferenciar-se das expectativas dos pais desperta sentimentos e angústias difíceis de serem elaborados. A perda da dependência infantil traduz-se como ameaça ao adolescente, colocando à prova a estabilidade dos sistemas narcísicos do filho e dos pais (Kancyper, 1999). Isto decorre da necessária separação daquilo que até então se apresentou como um porto seguro para o adolescente, do distanciamento das referências parentais. A construção de seus próprios projetos e seus próprios ideais apresenta-se como uma missão desafiante e dolorosa, porém necessária para a tão desejada e temida autonomia.

Diante de tais colocações percebe-se quão imprescindível se faz a revisão dos padrões até então estabelecidos, através de uma atitude questionadora e crítica, afim de que se possam construir idéias, ideais, opiniões, escolhas próprias, auto-imagem, etc. Com efeito, Kancyper (1999) aponta as conseqüências do referido processo: “A morte do infans reanima sentimentos de desamparo pela perda da fantasia que reassegura a ilusão de alcançar, por meio da fusão, o amor eterno e imutável” (p.103).

Todavia, não se pode esquecer que para que estas mudanças e reorganizações ocorram de forma saudável e tranqüila faz-se necessário que o desenvolvimento psicológico prévio tenha se dado satisfatoriamente. Pode-se pensar nas situações desenvolvimentais propostas por Mahler (1982), ou seja, na importância do bebê ter experienciado uma boa fase simbiótica com a mãe, e que essencialmente tenha podido

estabelecer a partir daí uma expectativa confiante, uma segurança básica. Se isso não ocorre, se a criança é precocemente direcionada a ver a mãe como alguém separado, externo a dela. Possivelmente tal vivência tenha reverberações nos relacionamentos futuros, através de muita insegurança e sensação de que as coisas não vão dar certo.

A paciente M. coloca esta problemática em sua fala:

*Não entendo como as pessoas podem gostar de mim... Fico muito mal com isso. Sou muito insegura, muito desconfiada... Não entendo como as pessoas lembram de mim, me chamam pelo nome, mesmo ficando tempos sem me ver... Às vezes tu diz coisas que eu falei aqui e fico pensando como que tu pode lembrar, se às vezes nem eu lembro... Odeio falar e as pessoas não prestarem atenção, não me olharem... Seguido acontece isso com o pai, eu to lá ajudando ele na loja, mexendo nos papéis dele, e aí eu falo com ele e ele tá desligado, ou lendo o jornal, ou se levanta e nem ouviu o que eu falei... Eu fico possuída de braba... Com o namorado também... Eu sempre fui difícil, nunca fui de ligar, de correr atrás, e ele reclama disso, mas tenho medo de ligar e ele não poder me atender ou não falar direito comigo... Porque isso me irrita muito.*

Analisando a história de vida de M. pode-se entender algumas questões trazidas por ela. Primeiramente a mãe engravidou ainda solteira, com 18 anos, situação que assustou bastante seus pais. A mãe relata ter vivido uma gestação muito boa e que “isso foi a melhor coisa que lhe aconteceu” (sic). Logo após seu nascimento, o pai adoece de uma patologia bastante rara, deslocando para si a atenção materna. Assim, na provável fase simbiótica mãe-bebê, o investimento necessário na filha neste período não pôde ser realizado, e o pai, de certa forma, competiu em relação ao olhar e cuidados da mãe.

Depois disso o pai recebe proposta de trabalho em outra cidade, e aí se segue uma fase de muitas mudanças na família – troca de cidades, dificuldade de adaptação nos apartamentos, saída de M. do quarto dos pais e logo a vinda de um outro bebê, situação que M. lidou muito mal, saindo de casa e indo morar um tempo com a avó materna, recusando a mãe e regredindo bastante em seu desenvolvimento, voltando a usar chupeta e fraldas e dormindo na cama dos pais. Os efeitos das referidas experiências apresentam-se nas dificuldades de M:

*Eu já abri mão de muita coisa por causa do meu pai... Eu tive proposta pra ser modelo... Eles acabaram me convencendo que aquilo não era pra mim. Quando os outros perguntavam se eu gostava disso, de ser modelo, desfilar, posar, se eu ficava meio quieta a mãe já dizia: ‘acho que não gosta né M.?’ , aí eu ficava meio assim, e meio que concordava com aquilo... Em relação aos namorados também... Nunca nenhum era pra mim na visão do meu pai... Ninguém serve... A mesma coisa com a escolha do curso pro vestibular... O pai sempre quer me convencer de que o melhor pra mim é a área das exatas pra eu continuar a loja dele (...).*

Verifica-se, assim, as questões transgeracionais que circulam na relação adolescente - pais. Diante das tentativas de individuação da filha, os pais assumem o lugar de quem direcionam suas escolhas e desejos. Assim, a adolescente sente-se sem

espaço para poder construir sua própria trajetória. Kancyper (1999) trata do assunto, referindo que muitas vezes não se permite uma confrontação entre as gerações, anulando-se as diferenças e produzindo alienações. Sabe-se que os pais também precisam promover elaborações psíquicas complexas, já que o crescimento dos filhos reativa sua própria história, fazendo-se necessária a ressignificação de sua própria adolescência.

O pai de M. revela algumas questões interessantes a esse respeito. Diz ele:

*Batalhei muito pra ter o que tenho hoje... Vim de uma família muito pobre, sem condições... Então hoje a gente tem um bem muito importante sabe (a loja)... Mas claro que eu não obrigo os filhos a seguirem isso, mas não vou negar que eu me orgulharia muito... O que eu faço é aconselhar, eu digo pra M. que a minha opinião é de que os cursos na área técnica seriam bons pra ela, já que conseguiria trabalho mais rápido, ganharia melhor e ainda poderia aliar a teoria com a prática, na loja no caso, né. Só que se ela não quer... Agora ela trançou a faculdade de administração né.. Não vou negar que fiquei decepcionado, frustrado... Mas tudo bem (...).*

Na fala pai aparece o aspecto narcisista relacionado ao interesse de que a filha se identifique com o seu projeto, que seja uma extensão dele, negando a possibilidade de diferenciação subjetiva e alimentando o desenvolvimento de um processo alienatório. Isto leva a crer que as mensagens contraditórias e paradoxais dos pais causam dificuldades e confusões significativas para o filho adolescente. M. traz esta sensação de ambivalência dos pais ao dizer que: “eles falam que me soltam. Na verdade soltam a cordinha, mas ficam segurando, até o alcance das vistas deles (...) Pros outros dizem que lá (cidade que moram) não tem futuro nem perspectivas, mas estão sempre mostrando que o meu futuro é lá”. Nesta dinâmica M. não parece ser reconhecida como sujeito e sim como objeto significado e caracterizado pelos pais (Leivi, 1995).

Bloss (1988) refere que na adolescência ocorre um segundo momento do processo de separação-indivuação. O autor fala da importância da criança ter adquirido a constância objetal e da essencial disponibilidade dos pais para permitir a separação, diferenciação e indivuação do filho.

O afastamento do adolescente em relação ao discurso, opiniões e ideais dos pais evoca, muitas vezes, sentimentos de ameaça, frustração e de inutilidade nos pais. Todos os envolvidos neste processo precisam elaborar os lutos decorrentes daí, desfazendo-se dos aspectos mais infantis e imaturos. Knobel e Aberastury (1992), assim como Levisky (1998), assinalam que a “adolescência normal” necessariamente implicaria no luto pelo corpo infantil perdido, pelo papel e identidade infantil, pelos pais da infância e pela bissexualidade infantil. Assim, caracteriza-se uma dinâmica de desestruturações e reestruturações no psiquismo, na busca de auto-afirmação e consolidação de uma identidade, tanto por parte dos pais quanto dos filhos.

J., um adolescente de 15 anos, traz estas questões em seu tratamento. Certo dia chegou na terapia dizendo que o pai pediu que ele tratasse de dois assuntos, os quais traz anotados em um papel: “Eu em primeiro lugar” e “conceito de família”:

*Eles (pai e madrasta) não entendem que cresci... Que chega de ficarem me protegendo... Eu quero bater a cabeça, quero aprender sozinho... Chega de quererem me preservar, de resolver por mim, o pai sempre dá um jeito quando eu me enrosco com alguma coisa... Eu to sentindo necessidade de assumir sozinho as coisas, sei que as conseqüências vêm, mas é só assim que eu vou crescer eu acho, aprender, mudar... Porque pra mim tá muito cômodo: ganho tudo pronto, faço o que quiser e ele dá um jeitinho... Eles me acham egoísta porque dou mais valor às jantãs com minha turma ou à minha namorada do que os programas deles... Mas é óbvio né?.*

O afastamento da proteção parental e o enfrentamento das situações muitas vezes são recebidos contraditoriamente pela família dos adolescentes. De um lado, estimula-se a independência, a autonomia, o comprometimento maior. De outro, resiste-se à perda da dependência. As ambivalências são constantes. Situações infantis mesclam-se com posicionamentos e posturas adultas, num processo de progressões e regressões freqüentes. Aparece o desejo de autonomia e liberdade fundidos com os temores e inseguranças decorrentes daí.

A paciente M. refere esta problemática: “Parece que eu sou uma bonequinha de porcelana... Se todo mundo tá aí quebrando a cara, lutando pelo que quer, mesmo que tenha que sofrer, cair, porque eu não posso? Eu não sou tão frágil assim como eles pensam” (M. 18 anos). Por outro lado, M. demonstra bastante insegurança e dificuldade de abrir mão do lugar até então ocupado na dinâmica familiar:

*Falei com o pai sobre o curso que quero fazer... Ele aceitou bem, disse que se é isso mesmo que eu quero então é pra eu ir atrás, batalhar... Ai, mas me deu um medo! Uma confusão na minha cabeça... Sair de casa, ir pra outra cidade, ficar sozinho... Eu comigo mesma... Aiaiai, não sei se consigo... Às vezes dá vontade de desistir.*

O novo, o desconhecido, os desafios inerentes a essa etapa trazem consigo temores e angústias importantes. Os pais muitas vezes apropriam-se desta insegurança e ambivalência dos filhos para justificar e manter a dependência. O pai de M. aponta esta situação em seu discurso:

*A verdade não é que eu não deixo ela sair e escolher o que quer. O que eu não aceito é largar ela em outra cidade sem ela nem saber o que quer, falta ter um ideal, um objetivo, aí eu apoiaria. Teve um dia que ela me jogou na cara que não foi modelo e não foi pra São Paulo por causa minha, que eu não permiti, aí eu falei pra ela nunca mais repetir aquilo, porque se não deu certo foi por culpa dela, por ela não ter se mostrado nem um pouco preparada, não ter tido persistência, nem lutado pelo que queria. Era a mãe que tinha que fazer tudo por ela: ligar para as pessoas, falar, se informar, ir pra São Paulo. Ela queria, mas por outro lado mostrava o tempo inteiro um despreparo total e uma falta de convicção. Eu, com 15 anos saí de casa pra estudar... Saí brigado com meu pai, foi um horror. E na minha família já tinha tido outras brigas, o meu pai e meu avô nem se falavam, brigaram feio (...).*

Por conhecer a história paterna, M. parece carregar um medo intenso da repetição destas rupturas. Deseja construir seu próprio projeto sem promover conflitos e rompimentos, quer diferenciar-se da história do pai. Torna-se claro, assim, que a emergência do filho questionador, pensante e desejante provoca rupturas nos ideais parentais e, dependendo da forma que for conduzida, pode levar a conseqüências negativas.

*Os processos de desidentificação comovem e produzem um certo vazio, que é vivido como perigoso (...) Ao desidentificar-se parcialmente dos pais, o ego se vê sem apoio, circunstância que promove novas identificações substitutas, que podem interromper o processo de mudança, dirigi-lo a situações deteriorantes ou destrutivas (como quando se identificam com um líder psicopático ou adicto), ou a um futuro que fortaleça um narcisismo trófico e promova um enriquecimento vital para o sujeito” (Urribari, 2004, p. 46).*

Nesse contexto, o autor traz como desafios para a dissolução do processo adolescente a reaproximação de seu corpo, a reapropriação de sua história, podendo desgarrar-se do passado, afastar-se do projeto idealizado pelos pais, do narcisismo primário e, assim, assumir a direção da sua própria vida. A mãe de M. refere que “cria os filhos para o mundo” (sic) e que sabe o quanto faria bem para a filha sair de casa, ter seu espaço e poder decidir com tranquilidade o caminho a seguir. Comenta, ainda, o quanto gostaria que M. fosse mais próxima dela: “Qualquer coisa que a gente pergunta ela se irrita... Ela já te olha e vira as costas sem dizer nada...”. Trata-se de uma situação muito freqüente vivida entre pais e filhos. Os “por quês”, “para quês” parecem perturbar o adolescente, geralmente em função deles próprios não possuírem muitas respostas e certezas neste período.

Outra questão relevante no processo adolescente é o “grupo de iguais”, que aparece como uma das vicissitudes do movimento de desidentificações e neoidentificações, já que a homogeneização presente e as características específicas do grupo – tatuagens, jargões, itens de consumo, etc., possibilitam no real, no concreto, a diferenciação, a originalidade, a conquista de um espaço subjetivo próprio e de reconhecimento especular<sup>2</sup>. O grupo funcionaria, portanto, como um espaço necessário para o adolescente desfazer-se temporariamente dos modelos identificatórios primários, através de pessoas que funcionem como espelho, permitindo dessa forma que o sujeito possa se reconhecer e perceber quem é (Seewald, 1995).

O paciente J., 15 anos, coloca esta situação na seguinte fala:

*Meus amigos são tão família quanto o meu pai, ou até mais eu diria... Eu sempre me apoiei neles, confio em alguns, são parceria mesmo... Nunca tive família estruturada, é aquela história - quando precisei não tavam lá, agora não quero e ficam me cobrando que ando muito com os guris, que priorizo eles ou a namorada do que a família... Isso me irrita, querem me mimar... A D.*

---

<sup>2</sup> Pode-se concluir que a “turma” do adolescente funciona como um “eco-ego”, já que os “outros” permitem a percepção de sua própria dinâmica, suas próprias questões, conflitos e sentimentos,

*(madrasta) é medieval, conservadora, quer mimar demais, ‘meu gurizinho pra cá, meu gurizinho pra lá’. Sai fora! Não quero saber disso, quero me virar, não quero que ninguém faça as coisas por mim, não sou uma anta... E com a gurizada a gente se diverte, toma os tragos, toca guitarra, é óbvio que vou preferir ficar com eles.*

M., 18 anos, também traz o grupo de amigas como um espaço no qual consegue se reconhecer, testar seus limites e funcionar por complementaridade:

*Eu sou muito impulsiva – já me dei mal por isso – mas tenho uma amiga que é o oposto: pensava demais antes de agir, acabava não vivendo até... A gente se completava: Eu empurrava um pouco ela e ela me travava... Eu ensinei ela a não pensar tanto em algumas situações, e ela me ensinou a pensar mais em outras.*

Fonagy e Target (2004) referem que muitas vezes os colapsos emocionais advindos na adolescência surgem da consolidação inadequada da capacidade de simbolização dos vazios e lutos inerentes a essa fase. Portanto, faz-se fundamental elaborar e simbolizar a separação dos pais, o corpo infantil e a mudança de representação dos objetos internos. Usualmente os adolescentes utilizam defesas onipotentes e maníacas para lidar com ansiedades depressivas, paranóides ou confusionais. Assim, criam um espaço mental, marcado por fantasias inconscientes idealizadas, muitas vezes dominado pela destrutividade e pelo isolamento (Levy, 1996).

As atuações também se apresentam com destaque neste estágio evolutivo, já que é usual o uso da comunicação não-verbal e de expressão dos impulsos e fantasias por via da ação. O paciente J. traz em seu discurso aspectos bastante destrutivos, brutos, idealizando situações perigosas, mostrando-se, muitas vezes, arrogante e onipotente:

*Eu sou muito forte pra bebida... Tomo um litro de whisky e não me faz nem cócegas... Sou bagual mesmo! (...) Eu adoro as coisas de Gaúcho – facão, palheiro, cachaça... Esses dias tirei o chapéu de ver a forma que um gaúcho encarou uns 5-6 índios em cima dele, só com o facão. (...) Quero fazer várias tatuagens: diabinho “descendo” no peito, um de cada lado, fogo nos braços, caveira tocando guitarra, e na perna uma fumaça com os rostos das pessoas que gosto (...) Quando eu ando de moto eu me possuo... Enlouqueço, faço e aconteço... Me sinto livre (...) Na cidade é foda encontrar alguém que toque guitarra como eu... Nunca fiz aula, mas toco muito melhor que vários famosinhos da cidade aí.*

A grandiosidade ilustrada nestas colocações pode ser entendida como “refúgios narcísicos” diante das situações que se apresentam neste período evolutivo. As defesas narcísistas ocupam um lugar de destaque na psicodinâmica adolescente, cumprindo a função de negar a consciência de separação do objeto pela dor depressiva e sentimentos de solidão em relação à dependência, buscando alternativas mágicas e onipotentes para lidar com a frustração, o sofrimento e o vazio.

*O self libidinal, em situações de desamparo e fragilidade, pode entregar-se ao self destrutivo, pois este, disfarçando a sua natureza mortífera, apresenta-se como forte e acena com soluções ideais, rápidas e onipotentes. Apresenta-se especialmente protetor contra o sofrimento inerente à boa dependência que levaria ao crescimento. (Levy, 1996, p. 226)*

A partir de todas as questões discutidas, fica claro o quanto o processo adolescente apresenta-se com conflitivas e angústias específicas do momento, as quais necessitam ser “metabolizadas” pelo adolescente e sua família para que o desenvolvimento rume satisfatoriamente a uma maior estruturação psíquica. Faz-se fundamental, portanto, ressignificar os lugares e papéis até então ocupados, reformular-se subjetivamente para que se possa adquirir uma identidade própria, condizente com seu desejo, e não alienada ou subordinada às figuras parentais.

#### *As nuances da adolescência na clínica: questões técnicas*

Os desafios na análise de adolescentes são muitos. Os pais reais ainda estão muito presentes, o que necessariamente implica a inclusão destes no tratamento. Assim como os pais que, ao se defrontarem com a adolescência dos filhos precisam ressignificar a sua passagem por essa etapa e elaborar suas angústias, o analista também precisa estar disposto e aberto à intrusão de aspectos de sua adolescência no percurso do tratamento. Questões transferenciais e contratransferenciais precisam ser trabalhadas de forma a não serem atuadas no tratamento, interferindo negativamente no mesmo.

*Por meio do trabalho analítico, o analista ressignifica sua própria criança ou adolescente em relação com os pais de sua história pessoal, ao mesmo tempo que a relação vincular no par analítico (filho – analisando com o analista) ressignifica aquelas situações narcisistas e edípicas não-resolvidas da história individual de cada um dos progenitores e do par conjugal, e exerce neles contínuas reestruturações que, por sua vez, incidem nas vicissitudes do processo analítico do filho. (Kancyper, 1999, p. 113)*

Jack Novick (2004) trabalha a questão da aliança terapêutica como condição necessária para que se estabeleça um tratamento eficaz. Segundo o autor, é responsabilidade do analista criar e manter essa aliança terapêutica — entre pais e terapeuta, adolescentes e os pais, terapeuta e adolescente, e entre os pais: “A transformação da relação com o *self*, com os outros e com a realidade externa é, para nós, a maior tarefa do desenvolvimento adolescente” (p. 287).

Pode-se pensar no tratamento analítico como uma possibilidade do adolescente reaproximar-se de forma diferente de sua própria história, constituindo pontes entre o passado e o presente, podendo passar da repetição à recordação (Rubinstein, 1998). Neste contexto, a posição do analista seria de auxiliar o adolescente e sua família em seus processos identificatórios e desidentificatórios, acolhendo as angústias e sofrimentos inerentes da condição de surgimento de uma subjetividade autêntica. Kancyper (1999) indica: “É função do analista de crianças e adolescentes liberar os

pais e analisando do cativo narcisista no qual participam e padecem, com a participação do filho ou sem ela – segundo a singularidade de cada caso (...)” (p.116).

No discurso da paciente M. e de seu pai aparecem estas questões narcísicas e, principalmente, os aspectos geracionais envolvidos na relação pais-adolescentes. A ambivalência e as flutuações progressivas e regressivas apresentam-se constantemente:

*Falei com o pai sobre a minha vontade de ir para a outra cidade, fazer cursinho, agora no fim do ano... Me encorajei e fui falar com ele, só que ele fica me enchendo de minhocas na cabeça... Fica me perguntando: “vai trabalhar?” “Como vai pagar o teu aluguel a tua faculdade?” E mais um monte de atucanações... Eu me irritei e disse: “pai, quando tu saíu de casa tu saíu pensando nisso tudo?”. Só que aí ele fica dizendo que é diferente: “Sabe quantos anos eu demorei pra pagar a pensão onde fiquei na cidade?... Demorei três anos depois de ter saído de lá pra pagar tudo”. Ele acha que eu tenho que fazer a mesma coisa parece (...). Às vezes até penso em parar com tudo isso e ficar lá mesmo. Mas sei que não vou ficar bem... Vou só contentar o pai, agradar ele e não seguir o que eu realmente quero e penso que é melhor pra mim.*

A partir do relato da paciente pode-se perceber a dificuldade do pai de visualizar a diferença de gerações existente entre ele e a filha, e as resistências e temores dela em assumir suas próprias escolhas. O pai apropria-se das inseguranças de M. para alimentar uma maior dependência, não favorecendo a diferenciação. Cabe ressaltar, neste sentido, que o relato de M. e as idéias de seu pai despertam na terapeuta um receio de que o pai, por se mostrar possessivo, controlador e possuir uma atitude autoritária, possa interferir no tratamento, boicotando as melhoras e o crescimento da filha, não permitindo que ela possa sustentar e assumir seu desejo. A paciente já alerta sobre isso, na primeira sessão: “nunca ninguém vai entender a relação que existe entre eu e meu pai”.

Em outra sessão, M. demonstra a ambivalência vivenciada tanto por ela quanto pelo seu pai em relação ao processo de separação e diferenciação. Traz o desejo de sair de uma posição mais dependente contraposto com uma total insegurança e dificuldade de encarar a necessária frustração decorrente de sua diferenciação, temendo perder o lugar da “bonequinha de porcelana do papai” e mantendo o vínculo infantil:

*Pedi pro pai pra ir pra X (cidade do namorado) e ele deixou, bem na boa... Depois eu disse: ‘quero te pedir uma outra coisa agora... Posso ir na quinta ao invés de sexta?’ O pai não respondia, ficava mudo, se fazia de surdo.... Não entendo isso, me irrita... Perguntei pra mãe por que ele não respondia nada... Então que dissesse de uma vez: ‘não vai guria, para de incomodar’, mas não dizia nada... Demorou um dia pra responder e aí disse numa naturalidade: “tá, vai”, E sabe que no fundo eu nem queria ir quinta mesmo (...) Me surpreendi... Na verdade não gostei muito do pai ter deixado assim. Tava preparada pra brigar, discutir, chorar.*

Todas essas mudanças na dinâmica familiar acarretam receios e angústias importantes. Sobre isso, Marchevskyd (1985) comenta que o adolescente “normal” apresenta conflitos neuróticos e até mesmo momentos psicóticos de forma ocasional,

passageira. A presença acolhedora de alguém neste período traduz-se como imprescindível para que ocorra uma maior estruturação psíquica.

Jack Novick (2004), baseando-se na teoria winnicottiana, aponta que o adolescente precisa desenvolver a “capacidade de estar só”, de valorizar-se a si mesmo e envolver-se em relacionamentos de confiança mútua com os outros: “Atribuindo significado e ordem ao caos, transformando fantasias em objetivos realistas, queixas externas e explicações circunstanciais em significações internas, motivações e conflitos, sentimento de desamparo em competência, desesperança em esperança” (p.287).

É inegável que os pais precisam ser acolhidos e trabalhados pela terapia, possibilitando um espaço de escuta e um repensar acerca do processo adolescente do filho. A aliança terapêutica estende-se à família do adolescente, permitindo uma atitude reflexiva e elaborando ressignificações necessárias. Kerry Novick (2004) refere que para que realmente aconteça a psicanálise precisa-se abrir um espaço para os pais, já que “sem os pais internos para nos manter a salvo é muito difícil envelhecer” (p.320).

O terapeuta precisa ser continente das histórias de vida dos pais, ajudando-os a permitir a necessária diferenciação e confrontação entre as gerações:

*Compreender e aceitar que a diferença entre pais e filhos e entre irmãos não é negativa e que, pelo contrário, constitui o fundamento que preserva o sujeito da alienação tanta parental-filial como fraterna, tem uma conotação afirmativa – e incontestável - para plasmar a identidade e poder mantê-la em todas as etapas da vida (Kancyper, 1999, p. 197).*

A contratransferência do terapeuta em relação aos pais também é uma questão técnica fundamental. Marchevskyd (1985) aponta que não estamos a serviço dos pais para transformar o adolescente no filho ideal que eles almejam. Além disso, é fundamental estarmos cientes de nossas posturas frente aos pacientes, cuidando para não nos identificarmos demasiadamente com eles, podendo chegar ao extremo de criar conluios inconscientes contra os pais.

Além disso, pode-se correr o risco de anular a função terapêutica e ocupar um papel de cuidador, provedor, gratificando a necessidade neurótica do paciente, ou ainda criar identificações reativas, tratando o paciente de modo oposto aos objetos originais. Assim, o analista corre o risco de idealizar o adolescente e unir-se à sua crença de onipotência (Bernstein & Glenn, 1991). Daí a importância da auto-análise e das supervisões psicanalíticas para que se compreendam as reações emocionais do terapeuta e preserve-se a postura analítica no tratamento dos adolescentes e seus pais.

Numa sessão conjunta de J. e seu pai, o pai apresentou-se intolerante, radical, mostrando-se indisposto ao diálogo: “A partir de hoje não tem mais acordos, nem flexibilidade, vai ser do meu jeito, vai cortar os cabelos, se sobrar tempo vai namorar, não vai sair final de semana, nem tocar guitarra...”. Diante disto, a terapeuta procurou conduzir para uma possível negociação entre pai e filho, mostrando a importância do diálogo entre ambos e fazendo-os pensar nas consequências de tais atitudes inflexíveis e radicais, mas o pai ignora quaisquer colocações e continua: “Eu sou o prefeito e ele o vereador... Ele

pode tomar as decisões dele desde que não interfiram no meu governo (...) Já que ele criou o mundo dele, eu vou fazer o mesmo, ser tão individualista quanto ele”.

Tal postura do pai provocou na terapeuta um certo rechaço e uma identificação e empatia com J. Ao dar-se conta dos sentimentos despertados pela intolerância do pai a tudo que diz respeito ao processo adolescente do filho: roupas, turma de amigos, namorada, estilo próprio, linguagem, etc., pôde-se trabalhar a dificuldade do pai em relação à diferenciação do filho, já que os dois mantiveram por muito tempo uma relação bastante fusionada, indiscriminada (inclusive apresentam o mesmo nome inicial). Diante disso, o pai precisou repensar até onde vai o seu comando, selecionando esferas em que teria este direito e outras em que estava sendo intrusivo demais, inclusive tentando governar o tratamento.

A vinheta clínica apresentada sugere o quanto o filho pode ser visto como uma extensão narcísica dos pais. No caso de J., seu pai sente-se no direito de impor a forma de ser, de se vestir, num desejo de transformar o filho no seu modelo ideal, negando as diferenças e as singularidades. Sabe-se que, de fato, o adolescente e seus pais criam mundos diferentes, o que para algumas famílias acaba se tornando fator de conflitos.

Na sessão posterior J. estava muito indignado com a postura do pai: “Ele perdeu toda a moral comigo... Logo ele que é todo das negociações e diálogos por ser empresário... Moral de cueca! Fiquei puto da cara”.

Apesar das dificuldades no vínculo entre pai e filho, o pai parece ser a figura que representa cuidado, suporte, limites. Isto se explica pelo fato de J. referir que depois da separação dos pais optou por ficar com o pai, já que a experiência que teve morando com a mãe foi desastrosa, sem nenhum limite, traduzindo-se numa sensação de abandono e indiferença:

*Quando morei com a mãe foi uma época que fiquei vadiozão... Matava aula todo dia, só bebia, fumava, fui muito mal no colégio, quase rodei, fazia de tudo... Ela não tava nem aí mesmo, uma indiferença total... Podia sumir de casa uns dias que ela nem telefonava pra saber o que acontecia... Então óbvio que sei que é importante o limite, não quero que o pai seja como a mãe, que me largue, mas também tem que ter algumas aberturas, senão não dá... Tem coisas que sei que tô errado, em relação aos gastos, volume da guitarra, por exemplo, sei que às vezes excedo. Acho até certo se o pai resolver passar meu celular pra cartão, nesse caso não vou nem ‘chiar’... Mas ele não vai poder me proibir de sair, nem mudar meu cabelo, nem minhas roupas, nem namorar... Se ele se meter nisso vai ter guerra... Não vou mais ficar sempre cedendo, sempre me adaptando ao jeito dele... Ele disse que não podia fazer tatuagem por causa da imagem dele que ia ficar comprometida... Que ridículo! E a minha imagem própria? Quando vou poder ter então? Vou ter que ser sempre a sombra dele? E quando ele vai deixar de olhar só pra opinião e julgamento dos outros e olhar pros dele?.*

Auxiliar aos adolescentes e seus pais nesse processo de diferenciações é uma das tarefas fundamentais da análise. Oferecer um espaço de escuta e possibilidades de ressignificações torna-se fundamental neste processo.

Em relação à técnica psicanalítica de adolescente não se pode deixar de citar outra questão relevante: a interferência do narcisismo do terapeuta no tratamento. Sabe-se que os aspectos narcisistas do analista podem afetar prejudicialmente o percurso da análise, caso não estejam adequadamente trabalhados. Nesse sentido, Bernstein e Glenn (1991) referem que o analista pode representar o paciente como uma extensão de si, em função da identificação com o adolescente ou a partir de uma transferência estabelecida com os pais do adolescente, os quais acabam sendo equiparados com os pais do analista. Em função disso, ressalta-se a importância das reações emocionais do terapeuta, tanto no sentido de constituírem-se como ferramentas fundamentais para a compreensão psicodinâmica dos pacientes, como no sentido do risco potencial de produzirem pontos cegos perigosos, podendo traduzir-se em comportamentos antiterapêuticos (Bernstein & Glenn, 1991).

Faimberg (2004) mostra que é através do entendimento e interpretação das situações transferenciais que se tornam possíveis os processos de deslocamento, de repetição e a oportunidade de elaboração e visualização de novas soluções para os conflitos. Leivi (1995) reafirma esta idéia, outorgando ao espaço analítico o lugar por excelência da reconstrução subjetiva, em que o paciente precisa colocar em primeira pessoa a sua história, suas lembranças e a sua identidade.

É fato a importância do vínculo estabelecido entre o terapeuta e o paciente como fator primordial para que se possa trabalhar as questões do paciente e o tratamento surtir efeitos positivos. O paciente J., já bastante vinculado ao tratamento, refere:

*Eu sinto que aqui na terapia eu consigo clarear a cabeça... Discriminar as idéias... Sei que quando fumo, por exemplo, tô tapando o sol com a peneira, sem realmente pensar... Mas quando venho aqui ou quando toco minha guitarra, parece que abre a cabeça.*

O tratamento de adolescentes também pode auxiliá-los no sentido de percorrer o caminho necessário até a internalização de objetos continentais e cuidadores. Com isso, emerge a possibilidade de enfrentar a dor e as frustrações sem ter que se utilizar soluções mágicas e onipotentes (Levy, 1996). Na medida em que se possibilita a simbolização, ou seja, a representação em palavras das vivências, dos sentimentos e daquilo que foi excluído da “história oficial”, os não-ditos, o silenciado, o desmentido, os *acting outs* perdem seu lugar de destaque na dinâmica do adolescente (Leivi, 1995).

Zimerman (2004) coloca que o papel do terapeuta não é de “conselheiro”, nem de “juiz”, e sim de “conciliador”. Segundo o autor o terapeuta deve “exercer a função de assinalar os transtornos de comunicação, a ocupação dos lugares, o desempenho dos papéis, o respeito pelas diferenças” (p. 362).

Percebe-se, portanto, a necessidade do analista de adolescente possuir condições pessoais para lidar com questões primitivas, tais como funcionamentos fusionais, intrusivos, sentimentos de vazio, abandono, angústias persecutórias, etc. Torna-se indispensável, por parte do terapeuta, a capacidade de suportar descargas emocionais intensas e a tomada de consciência dos aspectos contratransferenciais evocados. Ressalta-se, mais uma vez, a importância da análise pessoal e a busca de supervisões,

para que se possa clarear os pontos cegos eventualmente presentes, e conduzir de forma mais eficiente o tratamento.

### Considerações finais

A adolescência apresenta-se como um processo repleto de mudanças, angústias, temores e desafios. Seewald (1995) refere que neste período evolutivo ocorre um movimento constante de “ir” e “vir” entre o mundo infantil e o mundo adulto, caracterizando um estágio transicional:

*(...) Poderiam ser comparados a pseudópodes que ora assumem a forma de atividades delinqüências, ora perversas, ora esquizóides (...) Ao mesmo tempo tudo pode se interromper como se o psiquismo fosse colocado em ‘off’, lembrando, legitimamente, o efeito de ‘conchas autísticas’ proposto por Tustin (...) (p. 76)*

Desta forma, o tratamento efetiva-se a partir de oscilações permanentes entre refúgios e saídas, e objetiva favorecer identificações estruturantes, ou seja, auxiliar o adolescente na construção de uma identidade própria, autêntica, íntegra e não mais existir através de identificações alienantes. Através desta subjetivação genuína, o sujeito tem a possibilidade de romper com a posição de condicionar a vida em função do outro, podendo passar do ego infantil ao ideal de ego adulto.

A psicanálise colabora no sentido de oferecer um espaço de escuta para o adolescente e sua família, a fim de que se possa elaborar as vicissitudes relativas a este processo, assumindo suas incompletudes narcísicas, e podendo vivenciar os lutos necessários nesta etapa. Faz-se fundamental que se possa atentar às projeções parentais e aos consequentes alienamentos subjetivos, facilitando a individuação e a diferenciação do adolescente.

O terapeuta necessita avaliar suas possíveis identificações e contraidentificações, tanto com aspectos dos pais (do adolescente e/ou de seus próprios pais) como com questões de sua própria adolescência. A compreensão dos sentimentos advindos de tais situações permite a preservação do *setting* terapêutico, evitando atuações. As reações emocionais do terapeuta podem, assim, serem utilizadas como um valioso instrumento no tratamento de adolescentes.

Mannoni (1980) refere que “uma consulta psicanalítica somente tem sentido se os pais estiverem prontos para retirar as máscaras, para reconhecer a inadequação do seu pedido e para, de certa maneira, se questionarem” (p.104). Assim, faz-se relevante possibilitar ao adolescente e sua família um trabalho de ressignificação e reorganização simbólica de suas subjetividades e de suas histórias. Nesta linha de pensamento, Leivi (1995) coloca que o desafio do tratamento é tornar o adolescente sujeito de sua própria história. Assim, ressalta-se a importância de perceber as resistências relacionadas ao movimento de crescimento, em função das necessidades simbióticas existentes entre pais e filhos e das ilusões decorrente daí. Trata-se de permitir que o adolescente possa construir seu próprio chão, sua própria base, sem que isso promova rupturas e quebras.

Poder ter o porto seguro na família, como referência e segurança, mas não ter que ficar aprisionado e alienado a este porto – eis o desafio do processo adolescente.

### Referências

- Bernstein, I., & Glenn, J. (1991). Las reacciones emocionales del analista de niños y adolescentes ante los pacientes y su padres. *Revista Psicoanálisis da Associação Psicoanalítica de Buenos Aires - APdeBA*, 13(3), 485-516.
- Bloss, P. (1988). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Faimberg, H. (2004). O conflito do adolescente no adulto: as identificações alienantes através de três gerações. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs.). *A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.121–130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fonagy, P., & Target, M. (2004). Questões desenvolvimentais na adolescência normal e colapso na adolescência. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs.). *A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.91-106). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (1999). *Confrontação de gerações – Estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Knobel, M., & Aberastury, A. (1992). *Adolescência normal*. (Trad. S. M. G. Ballve), (10ª edição). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leivi, M. (1995). Historización, actualidad y acción en la adolescência. *Revista de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires*, 17(3), 585-611.
- Levisky, D. L. (1998). Acting-out: um meio de comunicação na análise de adolescentes e crianças (2ª edição). Em: D. L. Levisky (Org.) *Adolescência: Reflexões psicanalíticas* (pp.161-184). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levy, R. (1996). Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(1), 223-239.
- Mahler, M. S. (1982). *O processo de separação-individação*. (H.M. Souza, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M., Pine, F., & Bergman, A. (2002). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. (J. A. Russo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1975).
- Mannoni, M. (1980). *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campos.
- Marchevskyd, N. (1985). As Entrevistas diagnósticas com o adolescente e sua família. Em: R. Graña (Org.). *Técnica psicoterápica na adolescência* (pp.15-32). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Millonschik, C. S. (2004). De que ado(1)esce um adolescente? Em: R. Graña & A. Piva (Orgs.). *A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.69-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Novick, J. (2004). A aliança terapêutica no trabalho com adolescentes. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs). *A Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.285-294). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Novick, K. K. (2004). O trabalho com os pais no tratamento psicanalítico dos distúrbios adolescentes. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs). *A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.319-326). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubinstein, G. (1998). Reflexões acerca da prática psicanalítica com pacientes adolescentes. Em: J. Outeiral (Org). *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes: desenvolvimento, psicopatologia e tratamento* (pp.276-282). Rio de Janeiro. Editora Revinter.
- Seewald, F. (1995). Transferência e adolescência – Do labirinto das ansiedades confusionais ao impacto das percepções realísticas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 2(1), 73-82.
- Urribari, R. (2004). Sobre o processo adolescente. Em: R. Graña & A. Piva (Orgs.). *A atualidade da psicanálise de adolescentes: formas do mal-estar na juventude contemporânea* (pp.35-50). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zimmerman, D. (2004). Terapia psicanalítica com púberes e adolescentes. Porto Alegre: Artmed.

---

Recebido em março de 2007

Aceito em agosto de 2007

**Aline Bedin Jordão:** psicóloga, especialista em Psicoterapia Psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinariedade (ICPT-POA/RS), mestranda em Psicologia Clínica (UNISINOS), professora do Curso de Psicologia da ULBRA – Santa Maria.

**Endereço para correspondência:** [alinejor@terra.com.br](mailto:alinejor@terra.com.br)